

JUVENTUDE E VIOLÊNCIA

Eduardo Seixas*

Irei, no presente trabalho, partir de minha experiência de trabalho com jovens infratores, discutir a relação entre juventude e violência. Assim, num primeiro momento, estarei relatando brevemente alguns fatos vistos e vividos junto aos jovens infratores. Num segundo momento, avançarei numa discussão teórica que fundamentará a interpretação da experiência relatada. Dando continuidade, apresentarei minhas conclusões sobre a experiência e a integração teórica-prática realizada.

* Graduado em Psicologia/UFRJ; Especialista em Psicologia/PUC-RS; Mestre em Psicologia/PUC-RS; Doutor em Psicologia/PUC-RS.

A oportunidade de realizar um trabalho desta natureza enriquece a nossa formação na área da psicologia, abre espaço para repensarmos conceitos, nos insere na necessidade de articular teoria e prática, saber e realidade, propiciando assim uma formação mais integral. Sendo assim, buscamos efetivar a proposta de acordo com os princípios propostos de integração teoria-prática, embora reconhecendo as dificuldades que muitas vezes o pesquisador encontra neste tipo de empreitada.

A seguir, apresento o resultado do trabalho de busca em efetivar esta proposta integradora de teoria-prática, como um resultado e um esforço no sentido de concretizá-lo não só de acordo com o proposto, mas também no sentido de conseguir articular teoria e prática visando uma formação mais completa.

Relato de Experiência

Estive, em algumas oportunidades, em algumas instituições de internamento ou atendimento de jovens infratores. Trata-se da CIA – Centro de Internação de Adolescente e CIP – Centro de Internação Provisória, ambas de Goiânia – Goiás.

Estive algumas vezes realizando entrevistas com os profissionais que atuam com medida socioeducativas, para uma pesquisa vinculada à dissertação de mestrado. Ao frequentar estas instituições, no entanto, pude manter contacto com os jovens. Em outra oportunidade, ajudei, nestas mesmas instituições, um grupo de teatro a realizar um trabalho de iniciação teatral educativa com tais jovens, fornecendo, já que tal grupo havia me solicitado consultoria e assessoria para trabalhar com os menores infratores.

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[3]

Estas duas experiências provocaram uma experiência interessante e abriu um conjunto de dúvidas e questões que somente com o decorrer de pesquisas foi possível compreender melhor. A primeira experiência foi bastante indireta, mas possibilitou ver e contactar alguns jovens, isto é, permitiu a observação e uma aproximação com o universo dos menores infratores.

Quando fui realizar as entrevistas com os profissionais que atuam com medidas socioeducativas, fui avisado que, entrando para dentro dos muros da instituição, seria, provavelmente, abordado pelos jovens internos. Realmente, isto aconteceu. Um jovem, de uns quinze anos, me abordou uma vez perguntando se eu ia trabalhar lá com os psicólogos, pedagogos, etc, (os “técnicos”). Assim começamos uma conversa e como ele percebeu que eu não tinha vínculos com a instituição, reclamou do tratamento

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[4]

que recebia, por parte de todos, mas destacando os policiais, relatando, inclusive, a violência física da qual muitas vezes eram vítimas. Também falou, incentivado por mim, devido ao interesse despertado pelo seu discurso, um pouco da sua vida na rua, das agressões sofridas, realizadas por policiais, por outros jovens infratores, etc. Também colocou a existência de alguns “líderes”, que, por serem mais fortes, obrigavam os mais novos a obedecerem, roubarem, etc., e caso recusassem, eram espancados. Também falou que às vezes sentia muita fome, mas nem sempre conseguia matá-la. A conversa foi interrompida por uma assistente social que pediu para que o jovem se encaminhasse até a sua sala, pois precisava conversar com ele.

Após algumas leituras e análises sobre a violência e a juventude, fui convidado a prestar consultoria e assessoria a um grupo de teatro popular que queria fazer

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[5]

um trabalho educativo com os jovens infratores. Depois de algumas reuniões, em que também tive que abordar a questão pedagógica e da relação do teatro com a aprendizagem, embora com certa deficiência neste último aspecto, mas com a participação mais efetiva do grupo nesta parte, o grupo foi para as duas instituições citadas realizar o seu trabalho. Buscaram trabalhar o teatro, a partir de minhas sugestões, próximas à vida e ao cotidiano daqueles jovens, bem como buscaram uma integração e participação deles na encenação.

Logo o grupo se defrontou com uma dificuldade. A partir de sua proposta de trabalho, se desenvolveria uma linguagem corporal fundada em contatos corporais. Isto despertou a resistência dos jovens, que somente depois de muita paciência e insistência por parte do grupo teatral, passaram a cooperar nesta atividade.

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[6]

Após a aceitação, no entanto, ainda persistiram as dificuldades. Uma das atividades consistia em deitar-se no chão, com a cabeça para baixo, mas eles não conseguiam fazer isto. Sempre olhavam para os lados ou para cima. Depois de exemplos fornecidos pelos membros do grupo teatral, é que alguns deles aceitaram fazer tal ação. Eles também se recusavam a iniciar tais contatos com o sexo oposto, quando se tratava de contatos com os membros do grupo teatral do sexo masculino ou feminino. Somente após alguns “exemplos” é que alguns permitiram tais trocas, enquanto alguns mantiveram a resistência. Estes foram os aspectos mais relevantes e importantes desta segunda experiência.

Fiz um estágio na CIA, mas por período de apenas seis meses e em funções predominantemente burocráticas, o que não me permitiu maiores contatos com

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[7]

os jovens, mas deu para perceber um amplo processo de violência infringido a eles e por eles. Assim, após as experiências e a retomada de leituras e novas leituras, passei ao processo de procurar compreender e relacionar os fatos, para produzir uma compreensão global do ocorrido.

Integração Teórico-prática

A primeira questão a se levantar é o conceito de juventude¹ e a relação desta com a violência. Para isso,

¹ Geralmente se usa, em psicologia, o termo “adolescente”. Esse era o meu caso no início de outra pesquisa, mas ao ter acesso a uma literatura, especialmente sociológica, cheguei à conclusão que “juventude” é mais adequado. Embora “juventude” seja mais amplo que “adolescência”, pelo foco dessa última em certa faixa etária, geralmente associada à puberdade, enquanto o outro termo é abarca um período maior da vida individual, a opção se fez necessária para ajustar-se mais à realidade. Os trabalhos psicológicos citados aqui, no entanto, trabalhavam, em sua maioria (embora alguns também usasse juventude, mas com a mesma delimitação etária que outros psicólogos que tratam de adolescência), com o termo “adolescentes”. Por isso, entenda-se aqui que estou trabalhando com o que poderia ser chamado de “primeira juventude”, ou “jovens adolescentes”, que são aqueles que estão na faixa etária que sucede em alguns anos a puberdade.

lançamos mão de algumas leituras e autores para nos ajudar a reconstruir a ideia de juventude. Os problemas da juventude têm sido tratados com muita atenção pela literatura moderna sobre psicologia do desenvolvimento, psicologia clínica, psiquiatria e psicanálise.

Em 1904, Granville Stanley Hall em dois volumes clássicos publicou o primeiro estudo amplo relacionado à psicologia da juventude. Com relação à área clínica, em 1909, William Healy fundou um Instituto de Psicopatia Juvenil. Este Instituto foi precursor do Instituto de Pesquisa Juvenil que é considerada como a primeira clínica de orientação. Em 1915 ele publicou o primeiro estudo sistemático de fatores psicodinâmicos na delinquência juvenil. Freud também teve preocupações com a juventude. Na teoria psicanalítica, em um dos seus primeiros trabalhos – *Three Essays on The Theory of*

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[9]

Sexuality –, devotou uma parte à transformação dos objetivos e dos objetos sexuais relacionados à puberdade. O segundo grande texto relacionado à psicologia da juventude foi escrito, somente, em 1928 por Hollingworth, visto que o estudo da juventude não interessou a psicólogos e clínicos, tendo o movimento de orientação se desenvolvido, somente, depois da primeira Grande Guerra. Também nenhum grande estudo de pesquisa relacionado a jovens desajustados foi registrado até 1934, quando surgiu os trabalhos realizados por Sheldon e Eleanor Gluck, que foi o primeiro estudo em massa de “delinqüentes”.

Antes de 1939, a juventude era descrita pelos autores como uma crise que expressava ou manifestava emoções entre as pessoas; sendo um momento muito difícil para os pais. Nesta fase são observados relacionamentos turbulentos entre pais e filhos, pois estes apresentam

comportamentos de desrespeito com aqueles e com outras pessoas. Os jovens revoltam-se, principalmente, com as repressões que são feitas pela sociedade, para que se tornem logo adultos e desenvolvam atividades produtivas, estabelecidas pelos adultos.

O comportamento conflituoso apresentado pelos jovens está relacionado, muitas vezes, com a insegurança que sentem, pois nesta fase há o rompimento dos laços de dependência e proteção que os ligam a seus pais. A Psicologia do desenvolvimento desenvolveu estudos que permitiram compreender a existência de inúmeros fatores que influenciam a juventude e acabam afetando a participação do aluno na escola e nas suas relações familiares e, em 1950, a juventude passou a ser considerada não como crise, mas um estado, como o modo de ser ou o estado dos jovens.

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[11]

No que se refere ao início e ao término da juventude, para Campos (1998), existem opiniões discordantes, o que dificulta a definição de seus limites. Isto contraria as impressões populares que consideram que a juventude se desenvolve num período claramente demarcado do ciclo vital. Para alguns autores existem limites aproximados para a juventude. Jones e Holmes apud Campos (1998), dizem que a juventude está situada entre 12 e 18 anos. Os autores que definem o início da juventude relacionada à fisiologia dizem que aos 10 anos e meio se dá o final das mudanças fisiológicas e o atingimento da puberdade. A partir daí começa a juventude.

Para Hurlock apud Campos (1998), a juventude tem início com a maturidade sexual aos 13 anos para as meninas e para os garotos aos 14 anos. Os diversos pontos de vista propiciam problemas de definição, além da questão

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[12]

da juventude começar com as mudanças do crescimento pubescente ou com o início da puberdade.

É imprescindível em primeiro lugar o reconhecimento de que é impeciente qualquer tentativa para fixar idades específicas para este desenvolvimento físico, visto que a idade cronológica, muitas vezes, não é um bom indicador da idade biológica, principalmente na juventude, pois este período é caracterizado por grandes diferenças individuais. Em segundo lugar porque os critérios de puberdade ou maturidade sexual são ilusórios.

É errôneo tentar delimitar o período da juventude seja qual for o critério biológico de puberdade pois as meninas em média atingem, a puberdade dois anos antes dos garotos. Por este motivo é necessário considerar as idades que limitam os fenômenos da juventude separadamente e pelos sexos. Além das diferenças sexuais

e individuais, existem também as diferenças de classes sociais, nacionais, culturais, entre diversas outras que possuem impacto em como o jovem se desenvolve e como ele é visto pela sociedade.

No que se refere ao final do período “adolescente”, muitos autores consideram que a juventude se estende além do final da escola secundária. Hurlock apud Campos (1998), considera que a maturidade é alcançada aos 21 anos quando o jovem adquire o direito de votar e responsabilidade pelo seu comportamento. Outras áreas do saber e instituições, no entanto, colocam o fim da juventude (e não da “adolescência”) aos 18, 19, 24, 25, 30 e até mesmo aos 40 anos, pois não partem de critérios biológicos ou não toma esse como o elemento fundamental. Além disso, colocar que a maturidade é alcançada aos 21 anos, como coloca Hurlock, pois nesse momento o jovem adquire o

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[14]

direito de votar e responsabilidade social, é ilusório, pois o direito ao voto é um fenômeno social e histórico, inexistente em várias sociedades, bem como a idade no qual isso é permitido varia, sendo uma questão institucional que não revela características individuais concretas. O mesmo se pode dizer da responsabilidade social. O casamento poderia ser outro critério, mas as variações individuais, sociais, culturais, são enormes. Os jovens das classes inferiores se casam mais cedo e não terminam o ensino secundário, para citar apenas um exemplo.

A definição de idades limites para a juventude é dificultada pela grande variação nos indivíduos e de origem social, cultural, nacional, sexual, entre outras. No entanto para a maioria das pessoas jovens a fase da “adolescência” ocorre entre as idades de 11 a 21 anos. A

isso corresponderia o que denominamos “primeira juventude”, ou seja, apenas o início da juventude.

No entanto, critérios puramente biológicos e/ou cronológicos não são suficientes para compreender o problema da juventude. Sem dúvida, existe uma idade aproximada na qual podemos geralmente encontrar o período que se denomina “adolescência” (primeira juventude), bem como esta é acompanhada por aspectos biológicos que contribuem na sua definição. No entanto, o aspecto social assume importância fundamental (Deutsch, 1978). A escola secundária, o direito de votar, a responsabilidade, etc. são fatores de caráter social. Assim, a definição de juventude deve integrar esta perspectiva social na sua definição (Groppo, 1998), sendo que ela é mais um estado social do que biológico ou cronológico, embora englobe estes dois. A adolescência, termo

ideológico segundo Levinski (1997). Nesse sentido, o mais adequado é entender que a juventude é uma situação social, com base biológica, que fica entre a infância e a idade adulta, marcada pela ressocialização, período no qual o indivíduo se prepara para o trabalho e as responsabilidades sociais, sendo uma época de formação que ocorre principalmente na escola (Viana, 2004). Enfim, a juventude é constituída socialmente pela sociedade capitalista (Viana, 2004), ou “moderna” (Groppo, 1998).

A relação entre juventude e violência é complexa. A situação social do jovem adolescente, somado às suas mudanças biológicas, provoca uma situação de conflitualidade que sempre acompanha os jovens. No entanto, é possível distinguir um nível normal de conflitualidade de um nível excepcional, no qual se torna

acima dos padrões considerados comuns. A partir deste momento temos uma situação de violência.

Mas o que vem a ser violência? Como esta violência atinge a juventude? A violência pode ser definida como uma relação social de imposição, no qual um indivíduo ou grupo impõe algo contra a vontade e/ou natureza de outro grupo ou indivíduo (Viana, 1999; Viana, 2004). A violência é gerada por relações sociais, mas ao existir, gera mais violência (Kalina e Perel, 1987).

Assim, é possível pensar a violência do jovem adolescente como resposta a uma violência anteriormente recebida. O caso dos menores infratores aponta para isto. A Sociedade Brasileira apresenta altos índices de famílias desagregadas, pelo crescente processo de exclusão social, pobreza, etc. Alguns psicólogos chamaram a atenção para isto, bem como para a recepção diferenciada de

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[18]

determinadas diferenças entre jovens de classes diferentes (Levinky, 1997).

Estes jovens, portanto, são vítimas de uma violência, principalmente os jovens infratores, que estão submetidos à violência da pobreza, das famílias desestruturadas, etc., e, ainda, da violência da rua, das gangues, dos demais jovens, dos policiais, etc. Viana (2004) usa uma epígrafe esclarecedora que explica esse processo, que é um trecho do teatrólogo Bertolt Brecht:

A corrente impetuosa é chamada de violenta

Mas o leito do rio que a contém

Ninguém chama de violento.

A tempestade que faz dobrar as bétulas

É tida como violenta

E a tempestade que faz dobrar

Os dorsos dos operários na rua?

Aqui temos uma coincidência entre a análise teórica e a experiência relatada. O menor infrator com o qual conversei colocou exatamente isto: as violências sofridas, desde a fome, a dos outros jovens e dos policiais (inclusive até na instituição onde era interno). Neste sentido, sua violência, quando emergente, seria uma violência derivada. Seria produto de uma violência anterior.

Além disso, a segunda experiência pode ser compreendida a partir da percepção da experiência e das violências sofridas por estes jovens. Para eles, o contato corporal significa sexualidade ou violência, pois é isto que vivenciam nas ruas. O contato corporal com pessoa do sexo oposto é visto como expressão de sexualidade, daí ser evitado. O contato corporal, em geral, é evitado, pois além deste motivo, ele é relacionado com a outra forma comum conhecida por estes jovens: a violência, outro motivo para

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[20]

evitá-lo (neste caso, pois os menores infratores não tinham nenhuma intenção de violência ou sexualidade para com os membros do grupo teatral, o objetivo da atividade era outra, daí a resistência). Além disso, a resistência à atividade de deitar-se no chão e depois em olhar para baixo é reflexo da violência sofrida, principalmente por policiais, que os mandam deitar-se no chão, além da desconfiança de uma atividade que lembra experiências negativas.

Conclusão

O resultado deste trabalho aponta para a importância da integração teoria-prática, pois um enriquece o outro, torna mais visível o outro. A teoria é importante tanto antes quanto depois da prática, pois permite realizar projetos, caminhos que, uma vez realizados, possibilita a revisão, o avanço na compreensão do fenômeno ou fato.

A proposta minha de integração entre teoria e prática a partir de duas experiências com menores infratores foi muito enriquecedora, pois permitiu ampliar a compreensão delas, através de um aprofundamento. Uma compreensão vaga se torna mais precisa, mais completa, mais profunda. A lição que se tira disto tudo é que a juventude deve ser vista de forma integral, englobando não apenas aspectos cronológicos e biológicos, mas também psíquicos e principalmente sociais. É somente a partir desta perspectiva que consegui perceber a diferença entre os jovens não infratores e os infratores. É a partir daí que compreendi mais claramente o comportamento dos jovens infratores diante do grupo teatral. A experiência de vida de jovens de classes sociais diferentes vai produzir visões diferentes, comportamentos diferentes, etc. Os jovens marginalizados e vítimas das mais diversas formas de

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[22]

violência desta sociedade, vão constituir comportamentos e visões próprias, irão reagir violentamente e resistências e recusas que outros não veriam importância ou motivação para tal.

Por fim, esta busca de integração teoria-prática significou uma ampliação de horizontes, sendo uma experiência enriquecedora.

Referências

CAMPOS, Dinorah Martins. *Psicologia da Juventude: Normalidade e Psicologia*. 16ª ed., Petrópolis: Vozes, 1988.

DEUTSCH, Helene. *Psicologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GROPPO, Luís Antônio. A. *Juventude – Ensaio Sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. São Paulo: Difel, 1998.

KALINA, Eduardo; PEREL, Mariana. *Violências: Enfoque Circular*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

LEVISKY, David. *Juventude e Violência: Consequências*

Movimentos Sociais. Vol. 08 num. 11, 2023

[23]

da Realidade Brasileira. Porto Alegre: Artes Médicas: 1997.

VIANA, Nildo. *Violência, Conflito e Controle*. In: OLIVEIRA, D. (org.). *50 Anos Depois. Grupos Raciais e Socialmente Segregados*. Brasília: UnB, 1999.

VIANA, Nildo. *A Dinâmica da Violência Juvenil*. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

Resumo: O tema da violência é um dos mais debatidos, polêmicos e complexos da sociedade moderna. A sua relação com a juventude traz um conjunto de questões fundamentais para a psicologia e outras ciências humanas. Da perspectiva da psicologia, a questão da “adolescência” e, segundo outras abordagens mais amplas, da “juventude”, traz questões que estão na fronteira do psicológico, do biológico e do social. Para compreender a relação entre violência e juventude, é fundamental uma compreensão desse último termo. O objetivo do presente trabalho foi, a partir de um relato de experiência, realizar uma integração teórico-prática, unindo os achados experienciados com as reflexões teóricas respaldadas na bibliografia existente, tanto da psicologia quanto de ciências e disciplinas auxiliares. Esse estudo, por sua vez, pode contribuir com a realidade da violência juvenil e dos movimentos juvenis.

Palavras-Chaves: Juventude; Violência, Jovens Infratores; Experiência; Psicologia.

Abstract: The topic of violence is one of the most debated, controversial and complex in modern society. Its relationship with youth raises a set of fundamental questions for psychology and other human sciences. From the perspective of psychology, the issue of “adolescence” and, according to other broader approaches, “youth”, raises questions that are on the border of the psychological, biological and social. To understand the relationship between violence and youth, an understanding of this last term is essential. The objective of the present work was, based on an experience report, to carry out a theoretical-practical integration, uniting the findings experienced with the theoretical reflections supported by the existing bibliography, both from psychology and auxiliary sciences and disciplines. This study, in turn, can contribute to the reality of youth violence and youth movements.

Keywords: Youth; Violence, Young Offenders; Experience; Psychology.